

**Deponente:** Neusa Maria de Souza Neto Ladeira

**Entrevistadores:** Emely Salazar e José Alexandre Sales.

**Data do depoimento:** 29 de setembro de 2015

**EMELY SALAZAR:** 29 de setembro de 2015. 14 horas e 55 minutos. Vamos ouvir a senhora Neusa Maria de Souza Neto Ladeira. A Neusa Maria, Neusinha para os amigos. Ela foi militante no período da ditadura. Convidada para vir depor na Comissão da Verdade de Minas Gerais. Em momento nenhum ela teve dúvida que ela deve continuar contribuindo com a memória, com a verdade. A Neusa Maria passou por todos os suplícios, torturas, serviços, todo tipo de espancamento no período da ditadura e ela sobreviveu. Continua lutando pela democracia e veio com muito carinho fazer o seu depoimento. Nós desde já agradecemos muito a Neusa Maria.

**NEUSA MARIA:** Eu tenho o maior prazer em estar aqui porque eu acho que é um dever nosso esclarecer os fatos passados. Eu fui militante desde 1968. Militei na Colina, depois fui para dar Palmares. Fiquei, fugi de Belo Horizonte e de Minas Gerais onde morava, em janeiro de 1970. Fui clandestina para São Paulo. Em São Paulo como eu estava lá clandestina, andava praticamente na geladeira, o comando regional da organização me pediu, me levar documento secreto do Rio de Janeiro. E eu organizei esse documento bem secreto mesmo. Coloquei dentro do Modess, arrumei a caixinha de Modess perfeita e peguei o ônibus para o Rio de Janeiro. Fui presa na Maison de France, às 18 horas da tarde. Fui entregue porque era ponto. O quê que era um ponto? O ponto você tem a senha e a contrassenha. Na senha você fala alguma coisa como por exemplo a minha. Onde fica a rua São Clemente. O outro respondia. Não sei porque eu não sou daqui. Umas coisas muito simples, mas isso dava para a gente recordar. E como eu tinha sido entregue, quem me pegou foi a polícia. Aí já começou as sevícias. Dentro do carro mesmo, já começaram a me bater. A me xingar. Me levaram para a PE do Rio de Janeiro, Polícia do

Exército. Cheguei lá, já fui direto para a sala de tortura. Mas tive muita sorte porque eu fui presa num domingo, parece que as coisas estavam mais calmas. E eu estava com os pontos de reencontro em São Paulo, dentro do meu bolso da minha calça jeans. Quando eu cheguei na sala de tortura, veio um senhor, um sargento perguntando se eu queria alguma coisa. Eu peguei e pedi ele um copo d'água. Aí foi a hora que deu tempo de eu pegar os meus pontos e colocar na boca. Aí engoli. Logo depois as torturas começaram. Fiquei na solitária durante 07 dias. Na parte de baixo da PE do Rio de Janeiro. Você fazia as suas necessidades com o soldado te olhando. Você era toda hora chamada para a sala de tortura. E apanhei de pau de arara, choque elétrico, pancadaria em geral. Fora as torturas psicológicas. Quando você não pode dormir. De 10 em 10 minutos você é acordado e fiquei lá 15 dias nessa PE do Rio de Janeiro sofrendo esses, soberbos sofreres, todos nós sofreremos. Quando passou 15 dias, eu acho que acharam o documento. Me chamam 07 horas da manhã para eu ir para a sala de tortura. Quando eu chego lá, eu me deparo com o quê? Com o Sérgio Paranhos Fleury. Ele sentado ele em uma sala, todo mundo chamando ele de doutor. Ele vira para mim e fala comigo, foi você que veio de São Paulo? Eu falei, foi. Ele falou, então o documento que está aqui na mão. Você tem 15 minutos para ler e desvendar esse documento para mim. Eu só consegui ler até umas 15 linhas, que o documento falava do Lamarca, Vale da Ribeira. Quais as intenções do Lamarca de tomar o Vale da Ribeira. Quando esse homem viu que eu não sabia do documento, que eu não tinha ponto para entregar, que eu não tinha nada, ele me pegou para torturar o dia inteiro. Chamou todas as companheiras da organização, para assistir a minha tortura. Quando esse homem me largou às 08 horas da noite, eu estava totalmente louca. Eu perdi a noção do lugar em que eu estava, quem era eu, o quê que eu fazia. Eu não tinha mais a mínima noção de mais nada. E além disso tudo, fui levada para uma enfermaria. Quando chegaram, com.. me colocaram nessa enfermaria e me deram remédios fortíssimos que você não conseguia levantar um dedo. Quando o soldado veio e trouxe um enfermeiro e começou a tirar a minha roupa. Eu até hoje não sei como é que consegui gritar soldado. O

soldado que estava vigiando a porta entrou e tirou aquele homem de cima de mim. Mas tinha tortura de todas as maneiras. Eu fui torturada a princípio pelo General Gomes Carneiro, pelo Capitão Ailton e os outros que a gente conhecia por codinome, Queijo do Reno, Tenente Bedelho se não me engano. Fui visitada pelo Tenente Marcelo do Rio de Janeiro e o Deo Menezes. E o Fleury em companhia de todos. Depois que eu fui torturada dessa fase, eu fui para Linhares, na Penitenciária de Linhares onde eu permaneci um tempo. Toda vez que eu voltava, eu voltava daí para a PE novamente. Às vezes era submetida a abusos, outras eles não mexiam com a gente. Antes do meu julgamento, ah e depois de muito tempo presa, nós fomos para a cela de castigo da Penitenciária de Mulheres. Fui para São Paulo, na Urbana em São Paulo, onde fomos abusados novamente. Fiquei em 08 presídios, em um batalhão de um guarda no Rio de Janeiro. Ficamos eu e Carmelo Pezuti, minha companheira, 40 minutos com cobertor e nós ficamos, é difícil falar gente, porque é muito tempo. São 45 anos. Nós tínhamos saído de Linhares um frio danado e eles nos algemaram com casaco de lã fortíssimo. Nos deixaram no estacionamento do Ministério da Guerra com um calor de 40 graus, mais de duas horas. Fechadas dentro daquele camburão. Quando saímos dali já estávamos desfalecidas. E depois o último abuso que teve comigo que foi um dos abusos que eu achei pior de todos, quer dizer não tem de qualificar de pior, mas foi quando eu fui para o meu julgamento em Juiz de Fora, a polícia do DOPS de Minas Gerais me levou, o Capitão Lima, me entregou no Quartel General de Juiz de Fora. Quando o Capitão Lima foi embora, o sargento que estava lá me chamou, me mandou tirar a roupa, fez o corredor polonês, me mandou passar no meio daquele corredor, daqueles homens encostando a mão em mim. A coisa mais nojenta. Nós torturados não tínhamos direito a nada. Nós éramos humilhados em todos, de todas as maneiras. Outra coisa também que muito me incomodou, foi depois que a gente saiu da cadeia. Nós não tínhamos ajuda de praticamente ninguém, a não ser das famílias. Nós vivíamos juntos nos reencontrando, porque para os outros, a gente parecia leprosos. A sociedade não dava nada pra gente, só exigia. (Trecho incompreensível) para arrumar

emprego de gente sem folha corrida, atestado de bons antecedentes. Não deram pra gente. quem nos ajudava era os companheiros. Eu vendia verdura na rua para ver se me sustentava e ao meu companheiro. E foi uma passagem muito sofrimento e de muita tristeza.

**EMELY SALAZAR:** Eu gostaria que você pudesse falar mais um pouquinho, é o seguinte. Você esteve em Linhares, esteve em Minas Gerais, você esteve no DOPS de Minas Gerais?

**NEUSA MARIA:** Eu estive.

**EMELY SALAZAR:** Eu quero saber se você foi torturada em Minas Gerais?

**NEUSA MARIA:** Não. Eu não fui torturada em Minas Gerais. Eu fui torturada no Estado do Rio de Janeiro, fui na Urbana de São Paulo, mas em Minas Gerais eu não fui torturada que gente chama tortura de bater.

**EMELY SALAZAR:** De espancamento.

**NEUSA MARIA:** De espancamento, mas psicologicamente nós fomos torturadas, porque ficar numa cela de castigo, de cimento depois de mais de 01 ano de cadeia. Não temos visita, fomos proibidas de visita. O que mais você quer saber?

**EMELY SALAZAR:** Você falou aí que eles tentavam era todo tipo de humilhação não é? Isso é um fato. Mas eles não conseguiram nos humilhar não. Eles faziam tudo mas nós não fomos humilhadas. Porque a gente é que se unia. Então eu acho que você não saiu humilhada, você não foi humilhada. Eles que usaram de todas as formas achando que humilhavam. Você saiu de cabeça erguida, continua de cabeça erguida.

**NEUSA MARIA:** Emily, eu acho que a gente sai de cabeça erguida quando a gente contribui realmente dentro de, tem que ser muito correta. Mas eu vou te falar, eu me senti realmente humilhada, porque você não ser dona do seu próprio corpo, não ser dona de nada, entendeu? Você está ali. O quê que você é? Você não sabe o quê que você é, você não sabe o quê que você faz. Até hoje, essa última tortura de me colocar pelada no corredor polonês, eu denunciei na auditoria, eu denunciei para todos os lugares. Essa foi para mim realmente uma tristeza inesgotável.

**EMELY SALAZAR:** Você tem razão. A coisa que mais, que eu gravo, que eu falo que eu tenho raiva, que eu tenho ódio é deles terem me despido também no meio daquele monte de gente que você nem sabem quem é. Mas eu não me sinto humilhada. Às vezes pode quebrar o corpo, mas o espírito eles não quebram.

**NEUSA MARIA:** Ah, o espírito não quebra. Se bem quando eu posso falar muito a esse respeito do espírito, porque eu realmente fiquei alienada bastante tempo. Eu para mim catar os meus cacos, está durando quase 45 anos.

**EMELY SALAZAR:** Mas está catando não é?

**NEUSA MARIA:** Mas eu estou conseguindo. Eu estou indo que nem Fênix. Subindo a ladeira.

**JOSÉ ALEXANDRE SALES:** Neusa Maria, é Alexandre, José Alexandre Sales. Eu sou assessor da Comissão da Verdade em Minas Gerais. Eu gostaria de e perguntar sobre o Gomes Carneiro, ele atuava em Minas e atuava no Rio de Janeiro. Conta primeiro que um dos nomes que você citou.

**NEUSA MARIA:** Ele atuava em Minas e no Rio de Janeiro.

**JOSÉ ALEXANDRE SALES:** No Rio de Janeiro.

**NEUSA MARIA:** Mas eu acho que ele atuava mais no Rio de Janeiro.

**JOSÉ ALEXANDRE SALES:** Mais no Rio.

**EMELY SALAZAR:** O Deo Menezes e o Paixão era o Marcelo.

**NEUSA MARIA:** Marcelo Paixão.

**JOSÉ ALEXANDRE SALES:** Os dois que foram visitá-la no Rio de Janeiro.

**NEUSA MARIA:** No Rio de Janeiro, depois foram fazer o depoimento.

**JOSÉ ALEXANDRE SALES:** Depoimento, lá eles foram encarregados.

**EMELY SALAZAR:** Testemunha contra você.

**NEUSA MARIA:** Testemunha.

**EMELY SALAZAR:** Você tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar

**NEUSA MARIA?**

**NEUSA MARIA:** Não, o que eu gostaria mesmo de acrescentar é a tristeza da época depois da cadeia. Que eu convivi com o Tonhão. Era uma pobreza



danada, você lembra disso. A gente não conseguia nada. Nós ficamos sofrendo por muito tempo. Não foi só a época da tortura não. Continuou.

**EMELY SALAZAR:** As consequências não é?

**NEUSA MARIA:** As consequências continuaram. Até hoje a gente periga aí uma série de coisas. Pela ação que teve.

**EMELY SALAZAR:** Pois é Neusa Maria, nós queremos agradecer de todo coração, penhoradamente, a sua contribuição, a sua disposição, a sua disponibilidade. Eu sou Emely Vieira Salazar, eu sou membro da Comissão da Verdade de Minas Gerais. Muito obrigada e continue assim, firme, contribuindo que a memória tem que aparecer, tem que ser vista, tem que ser contada viu?

**NEUSA MARIA:** E tem que ser criada.

**EMELY SALAZAR:** Muito obrigada.

**NEUSA MARIA:** Eu que agradeço. Foi bom não foi?